



2023

Discursos do Presidente da Liga dos Combatentes

ÍNDICE

(Clicar com o rato na data para abrir o discurso pretendido)

[01.04.2023](#) – Dia Nacional do Combatente

[29.05.2023](#) – Dia dos Capacetes Azuis

[02.11.2023](#) – Dia de Finados

[11.11.2023](#) – Cerimónia comemorativa do encerramento da evocação do Centenário da Liga dos Combatentes, 105.º aniversário do Armistício da Grande Guerra e 49.º aniversário do fim da Guerra do Ultramar

[14.12.2023](#) – Mensagem de Natal

DIA NACIONAL DO COMBATENTE, BATALHA

TENENTE-GENERAL JOAQUIM CHITO RODRIGUES

01 de abril de 2023

Nesta efeméride, aqui vivida em data nacional festiva, como é o Dia Nacional do Combatente, conjugando em harmonia, recordação, homenagem e reconhecimento, saúdo todas as autoridades e entidades presentes, civis militares e religiosas que, por esta forma participativa, afirmam solidariedade e consideração pelos Combatentes por Portugal.

Permitam-me que inicie a minha intervenção recordando que se perfazem hoje, 592 anos sobre a morte do militar, combatente e santo, que no seu tempo garantiu nos campos de batalha, as vitórias militares de Aljubarrota, Atoleiros e Valverde, garantes da continuidade de Portugal como povo independente e livre: o Condestável D. Nuno Alvares Pereira, hoje S. Nuno de Santa Maria. Neste espaço, os portugueses perpetuaram a sua memória de combatente herói. Hoje, mais uma vez, nós não o esquecemos, ele que é patrono da Liga dos Combatentes.

Minhas senhoras e meus senhores

Em momento de conflito aberto na Europa e do agudizar do diálogo diplomático no mundo, parecerá a alguns, menos interessante, realizarmos uma cerimónia para honrarmos e evocarmos o passado. Pelo contrário, é nesses momentos de grave convulsão política e estratégica que importa rever a história, recordar lições aprendidas, tomar consciência das ameaças, tomar medidas oportunas e reforçar as forças morais, nomeadamente através de cerimónias como esta que aqui está a ter lugar.

Revivemos hoje mais um pouco da História de todos nós, sobretudo daqueles que para a escreverem, deram de si o melhor ou a própria vida, calcando o chão bem forte e obreiros da própria sorte. Não é apenas a tradição, nem a mera rotina que nos traz aqui hoje, mais uma vez. É a obrigação moral, bem sentida, de, reforçando as nossas forças morais, homenagearmos, conservarmos a memória e enaltecermos todos os que um dia caíram pela Pátria e, em especial, os que caíram na grande Guerra, na Guerra do Ultramar e nas Missões de Paz, e honrar e bem dizer, os que regressaram com vida após o cumprimento da difícil missão de terem que fazer e sofrer a guerra. Estão aqui presentes, espiritual ou fisicamente todos os Combatentes por Portugal, vivos e mortos, que generosamente empenharam a sua vida por um mundo livre e mais justo; oferecendo-se por todos nós para que a Paz fosse a vencedora das batalhas travadas.

Quem se lembra de os homenagear solenemente senão os que, como eles, sofreram as agruras da guerra, os que exercem, ou exerceram missão idêntica à por eles desempenhada nas Forças Armadas, ou os que hoje, ou no passado, foram responsáveis pela área das Forças Armadas e da Defesa Nacional. O resto do país, caso a comunicação social nacional atue como tem sido tradição sua, continuará a ter muita dificuldade em aperceber-se da nossa patriótica atitude, por forma a acompanhar-nos nestes momentos de reflexão, criadores potenciais de um sentimento agregador de defesa coletiva, a emergir, quando necessário, no respeito pela nossa soberania, pela nossa existência como povo, pela nossa própria História.

E voltamos infelizmente a viver momentos difíceis em que poderemos ser, de um momento para o outro, chamados a resolver problemas que ultrapassam tudo e todos. Altura em que todos apelarão por umas Forças Armadas operacional e moralmente fortes e em que será bendito o investimento feito nas Foças Armadas.

Os tempos que correm são bem elucidativos de que o baixar da guarda significa a imediata abertura do flanco e que a Europa é um intermitente campo de batalha, a que Portugal nem sempre se tem podido furtar, pelo que é importante a manutenção de níveis de defesa militar, compatíveis com as ameaças ao todo nacional e europeu. O que ocorreu no último ano, no Leste da Europa, criou já situações de insegurança estratégica e desconfiança política generalizada que levará longos anos a normalizar-se na Europa. Terminada um dia a guerra quente, ninguém impedirá o retorno à guerra fria. Nos anteriores tempos de guerra fria, os 3% do PIB foi objetivo definido na NATO, hoje, em tempos de guerra quente, aponta-se timidamente para os 2%. Para qualquer militar, observador atento, não obstante os esforços realizados, é preocupante percorrer o país e sentir as dificuldades das unidades militares em efetivos e meios logísticos visivelmente insuficientes e indústrias de defesa inexistentes, para responder a compromissos inopinados ou a qualquer agudizar da situação militar em Portugal ou na Europa. A nossa posição estratégica pode iludir a ameaça terrestre direta, que não aos compromissos assumidos e a assumir, mas não nos protege, face aos atuais meios militares disponíveis no mundo, e das intenções adversas propaladas, da ameaça ar-terra ou mar-terra.

Minhas senhoras e meus senhores

Comemorámos já o centenário da Ilustre e heroica Batalha de La Lys, em 2018. Comemorámos o Centenário da fundação da Liga dos Combatentes em 2021 e no ano em Curso, comemoramos o Centenário da sua Primeira Assembleia Geral, ou seja, o Centenário da sua Criação.

Gostaríamos de festejar este ano, alegremente, este facto irrepetível. Circunstâncias alheias, que não dominamos, condicionam-nos, de certo modo, esse contentamento, mas não nos reduzem a nossa determinação permanente e o regozijo do cumprimento da nossa centenária missão: Honrar os mortos, mas também Lutar pela dignidade dos combatentes vivos. Da qual faz parte a Revisão da Lei 46/2020.

O peso da nossa história centenária, como instituição patriótica e humanitária, ao serviço do país e dos seus membros, exige-nos mais responsabilidade quer na exigente conduta do presente, quer na preparação de condições para o futuro perene da Liga dos Combatentes.

Hoje, regozijamo-nos por evocar, mais uma vez, o Dia do Combatente. Se o fizemos, durante anos, como Liga dos Combatentes, hoje temos a sentida honra e regozijo de o fazer, após em 2020, a Assembleia da República ter legislado no sentido de tornar este dia, como Dia Nacional do Combatente. Honra-nos, como sempre, a presença de outras organizações congéneres. Para além de comemorarmos o 105º aniversário da Batalha de La Lys e evocarmos os combatentes que nela tomaram parte, contribuindo para a vitória aliada, obtida sete meses depois desse acontecimento, evocamos os Combatentes que desde a nossa fundação e ao longo de toda a nossa história se bateram em vitórias e em derrotas e foram responsáveis ativos para a construção do Portugal de hoje.

Também nós, geração que nasceu ou sofreu as consequências da segunda guerra mundial, nós combatentes do ultramar, nós combatentes do 25 de abril, do PREC e da Descolonização, geração da guerra fria com catorze anos de Guerra quente, da ameaça do terror nuclear, sabemos que levámos uma vida a responder a situações de crise, algumas vezes com missões atribuídas incompatíveis com a situação e os meios disponíveis. Nós, que vivemos uma Batalha Decisiva da História de Portugal nela incluindo o vitorioso 25 de abril com retorno das fronteiras físicas nacionais, às fronteiras de D. Diniz, sabemos dar o valor aos que, como soldados, contribuíram

para esta obra que é Portugal, incluindo os que hoje servem Portugal onde Portugal os envia, e que merecidamente homenageamos, neste Dia Nacional do Combatente.

Dentro de momentos, na sala do capítulo, junto ao túmulo do Soldado Desconhecido, não recordaremos apenas os nossos combatentes antepassados, mas estarão em nosso pensamento os que hoje cumprem missões na República Centro Africana, ou em recônditos lugares no mundo, onde Portugal os enviou, ou na Romênia, onde periga a segurança europeia. Pela terceira vez, no decorrer de um século, a Europa confronta-se com situações gravíssimas de segurança interna e ameaça global. Importa, pois, criar condições para que não sejam necessários novos milagres.

É importante por isso, mais do que nunca, no Dia Nacional do Combatente, recordarmos a história e as lições nela aprendidas, e se as condições externas um dia nos impuserem a guerra, para restabelecermos a paz condigna, que o façamos com a assunção dos sacrifícios que a Paz integral e duradoura, exige.

Minhas senhoras e meus senhores

Dentro de momentos, simbolicamente, colocaremos mais uma Torre Espada, Valor, Lealdade e Mérito, oferecida por um neto de um combatente da grande guerra, no acervo do museu das Oferendas, inauguraremos uma exposição evocativa do Centenário da Liga dos Combatentes, nos claustros do Mosteiro de Santa Maria da Vitória.

Minhas Senhoras e meus Senhores

Permitam que nestes tempos conturbados, em que a História parece querer repetir-se, termine evocando um poeta e cientista, oficial da marinha dos EUA, combatente da II Guerra Mundial, Ron Hubbard, que afirmou numa sua reflexão poética:

“Jamais uma Nação comprou glória”
Com agonia, morte e cidades incendiadas”.

É dele o poema que vos cito:

POEMA II

Os muitos lábios que se riram com vida
Os muitos beijos que eles deram
Estão fixos numa contenda sombria e mortal,
Cortados como pedra fria, nos Valentes.

E lábios que alegremente cantavam
São barras tristes e silenciosas.
Lágrimas e sangue são espremidos a todos
Quando lábios prometem vidas às guerras.

No entanto, de fileiras e bancos lamacentos
Rompe um grito cativo
E corações saudosos na Pátria agradecem,

Que as vozes não podem morrer
Mas vivem através das mudanças do tempo e espaços
E através dos séculos
Por uma raça pacífica, justa e fraternal
Proferem apelos apaixonados.

Os muitos lábios que se riram com vida
Os muitos beijos que eles deram
Estão fixos numa contenda sombria e mortal
Cortados como pedra fria, nos Valentes.

Mas lábios silenciosos, com nomes desconhecidos
Podem rugir muito alto
Quando cada par proclama
O pecado e as vergonhas da guerra.

Minhas senhoras e meus Senhores

Termino com um Viva aos combatentes e às combatentes por Portugal e que os seus lábios continuem a rir com vida, a cantar alegremente e não se transformem com guerra, em barras tristes e silenciosas.

Viva Portugal
Viva a Liga dos Combatentes.

Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

DIA DOS CAPACETES AZUIS E DAS MISSÕES DE PAZ

TENENTE-GENERAL JOAQUIM CHITO RODRIGUES

29 de maio de 2023

Caros Combatentes e Famílias

Ilustres convidados

Minhas senhoras e meus senhores

Hoje é, para nós, dia dos que ao serviço da ONU, da UE e da OTAN se sacrificam para que a Paz no mundo seja uma realidade. Dia dos combatentes das Forças Armadas e das Forças de Segurança, em forças nacionais destacadas, ao serviço da Paz. Dia em que celebramos o 75.º aniversário da primeira Operação de Paz da ONU, em 1948, na guerra Israelo-árabe e o 35.º aniversário da atribuição do Prémio Nobel da Paz à ONU. Paz, essa ambição utópica do ser humano, que ele próprio, tendo em suas mãos possibilidade de a transformar em realidade, a destrói e constrói dia a dia, na hipotética procura do seu bem-estar, pessoal ou do seu grupo.

Paz, conceito natural de fácil entendimento por todo o ser humano ou sociedade que, no entanto, sendo posta em causa sistematicamente, exige a todos, organização e esforço individual e coletivo para que não seja deturpado ou destruído. Não obstante isso, a História da Humanidade é um dueto de Paz e do seu oposto, a Guerra. Para manter a Paz que ambiciona e que constitui seu objetivo último, tem o ser humano, desde as tribos mais primárias da pré-história, às sociedades mais organizadas de hoje, recorrido à Guerra. Guerra, cuja definição, desde a mais simples, mas sofisticada de Clausewitz, "condução da política por outros meios", até à mais popular com que recentemente deparamos: "espaço onde jovens que não se conhecem e não se odeiam, se matam entre si, às ordens de velhos que se conhecem e se odeiam e não se matam", é uma constante no panorama das nossas vidas.

O Holocausto provocado por duas guerras mundiais e o advento da arma nuclear, levou os países a que, para além de estarem preparados para a guerra, se organizarem mundialmente, entre eles, para que a Guerra e a sua própria, muito provável, destruição, não aconteça. São expoente máximo desse esforço a ONU, a UE e a OTAN, entre outras. Daí surgir o Dia evocativo dos Capacetes Azuis, estabelecido pela ONU, que nós celebramos como Dia das Missões de Paz, pois incluímos também os participantes em operações de Paz e Humanitárias da UE e da OTAN, como organizações que prosseguem e se organizam, com o mesmo objetivo, e em que Portugal igualmente tem participado.

A ONU, surgida após a segunda guerra mundial, tem hoje 128 países interessados nesta missão, cerca de 123.000 pessoas servindo nesta causa, e um orçamento que ronda os sete mil milhões de dólares. Missão vasta, de proteção dos mais vulneráveis, controlando fronteiras, garantindo segurança, efetuando patrulhamentos, desenvolvendo ações de contra terrorismo, garantindo apoio civil e político, enfim protegendo civis, movimentou desde a sua criação, mais de um milhão de combatentes e sofreu 4266 mortos. Dirigidas pelo Departamento de Paz da ONU, as Forças de Paz da ONU são forças multidimensionais constituídas por militares, civis e agentes de autoridade.

Jamais o mundo teve organização semelhante na procura e salvaguarda da Paz. Entretanto, a guerra surge como que fugindo entre os dedos das mãos da Paz, da ONU. Haverá, pois, que, a esse nível, necessidade de se reverem procedimentos e de se reforçarem mecanismos de imposição da

Paz, ao mais alto nível, no respeito das leis internacionais e direitos humanos, protegendo decisivamente a segurança dos mais fracos.

A ONU não esquece igualmente, o papel das mulheres na promoção da Paz e o que sofrem em situações de conflito. Daí que em 2000 o seu Conselho de Segurança aprovou a Resolução 1325 intitulada "Mulheres Paz e Segurança" que reconhece o impacto dos conflitos armados sobre as mulheres e trabalha na sua proteção e plena participação nos acordos de Paz.

De onde houver países, como o Brasil, que desenvolveram os seus próprios Planos de Ação sobre "Mulheres Paz e Segurança", por forma a "valorizar as mulheres como agentes transformadores em todas as etapas de prevenção e solução de conflitos e de manutenção e consolidação da Paz". Portugal está no mesmo caminho.

E a Paz, preocupa também a União Europeia, e recentemente, na sequência de uma Política Europeia de Segurança Comum (PESC), estabeleceu o chamado Mecanismo de Apoio à Paz que substitui o anterior Mecanismo Athena e o Mecanismo de Apoio à Paz em África. Este novo Mecanismo com dois pilares, um Pilar das Operações e um Pilar de Medidas de Assistência, tem a missão de prevenir conflitos, consolidar a Paz, reforçar a segurança internacional, financiar operações no âmbito da PESC e tem agora um orçamento de 7,98 mil milhões de euros.

Apoia atualmente ações de apoio à Paz na Bósnia Herzegovina, Corno de África, Somália, Mali, República Centro Africana, Moçambique, Níger, Ucrânia e Macedónia do Norte. Por outro lado, é do conhecimento geral o trabalho da NATO, de que Portugal é membro fundador e a sua missão de organização defensiva e de garantia da segurança e defesa dos territórios das populações dos países aliados sobre qualquer ameaça, acionando os artigos 4. e 5. Do tratado, "Sempre que a integridade territorial, a independência política ou a segurança estiverem ameaçadas". Enfim, o mundo organizou-se por forma a garantir a Paz, defender identidades, territórios e valores e evitar o conflito armado, mas por outro lado, condiciona-se no âmbito das regras do Conselho de Segurança da ONU e por outro, arma-se de forma alarmante, justificando essa atitude, com a necessidade de se defender em caso de ameaça e conseqüente agressão.

Abre-se então a porta a antagonismos, contradições e ambições que resvalam, como a análise histórica confirma, para a Guerra intermitente, quer a nível local, continental ou mesmo global. Mais uma vez a Europa e o mundo, não obstante as organizações e tratados de paz, já referidos, se encontram confrontados com uma guerra, sem sentido, na Ucrânia, com a invasão por parte da Rússia, que ultrapassando todas as organizações de Paz que vimos referindo, insiste em utilizar a força, com a reprovação da generalidade dos países do mundo, para impor a sua hegemonia a um país vizinho de independência internacionalmente reconhecida.

Mais ainda, contrariando todo o esforço organizacional para a Paz no Mundo, ameaça levemente com a destruição deste, de forma paranoica e aparentemente irresponsável, ao ameaçar com a utilização de armas nucleares, as quais existindo, rapidamente se concluiu pela necessidade absoluta do seu controlo, e que não eram para utilizar, constituindo-se, durante anos e até hoje, como fator de garantia da "Paz pelo terror", precisamente pela consequência catastrófica para o mundo, resultante da sua eventual utilização. Seria o Holocausto mundial se se desse leviana ou racionalmente, início à sua utilização. Como afirma sua Exa o senhor Presidente da República importa, com urgência, conseguir-se uma Paz legal, justa e moral. Não podemos de facto contribuir para a entrega da construção do mundo moderno a quem quer transformar a "Paz pelo terror" numa "guerra pelo terror", pelo terror do medo e da destruição, para garantir o

ressuscitar da doutrina geoestratégica de Makinder, o qual no início do século vinte, dando por finda a era do poder naval enunciou a teoria geoestratégica do poder terrestre.

De facto, Dmitri Medvedev, atual vice-presidente do Conselho de Segurança da Rússia, veio recentemente afirmar a necessidade de materializar a Eurásia, de Lisboa a Vladivostok, ou seja, enunciou um objetivo da Rússia que ressuscita a Teoria de Makinder, segundo a qual "quem controlar a Europa Oriental domina a Terra Central, quem controlar a Terra Central, domina a ilha mundial (leia-se eurásia) e quem dominar a ilha mundial dominará o mundo". Poderá assim não ser só a Ucrânia o objetivo último, mas o domínio do mundo em que parece acreditar, ao dominar a Terra Central.

Portugal, país de nove séculos de História, conhece profundamente a Paz e a Guerra e os seus efeitos, promovendo a Paz, recorrendo a tratados, mas nunca deixando de lutar e combater para sobreviver como Nação independente. Recentemente, e na sequência da sua participação nos acordos de Paz de Moçambique em 1993 e de Angola, em que Portugal participou, seguiram-se as operações de apoio à Paz, na Bósnia Herzegovina, onde três militares paraquedistas perderam a vida. A Liga dos Combatentes, após protocolo com a Câmara municipal de Doboj apoia ainda hoje, a manutenção de um Monumento ali erguido em sua homenagem e os seus nomes estão inscritos em lápide erguida neste espaço onde nos encontramos.

As Forças Armadas e as Forças de Segurança têm participado, no âmbito desta ação internacional de apoio à Paz, nas mais diversas situações desde 1993 aos nossos dias, e a Liga dos Combatentes, com o seu apoio, tem vindo anualmente a evocar, tal como está fazendo hoje, esse esforço conjunto, neste dia e neste lugar de memória coletiva. Os membros das FA e FS bem como os Combatentes das Missões de Paz são um dos universos que garantem a perenidade da Liga dos Combatentes, Instituição que tem já hoje mais de 90% dos seus Núcleos com membros nas suas direções que não fizeram a guerra do ultramar estando assim a materializar-se o nosso PEE Passagem do Testemunho, neste ano em que continuamos a celebrar o nosso centenário.

No ano em curso, será dado relevo às operações de Apoio à Paz, levadas a efeito pela GNR. Será orador pela GNR, o senhor Major-general Paulo Jorge Alves Silvério e no final da cerimónia militar, será inaugurada no Museu do Combatente, uma exposição subordinada ao tema "A GNR nas Operações de Apoio à Paz", para a qual convidamos todos os presentes.

Os nossos sinceros agradecimentos ao Senhor General Comandante Geral da GNR, General José Correia, pela sua imediata disponibilidade e pronto apoio a esta iniciativa. É com referência àquela participação, na Bósnia, das FND que termino a minha intervenção, homenageando todos os, que até hoje, a partir de 1993, aos nossos dias, serviram Portugal nas Forças Nacionais Destacadas e em especial os que nelas caíram ao serviço de Portugal.

Em sua homenagem, fiz então, nesse ano de 1996, um poema evocativo aos que partiam e aos que caíram, na Bósnia Herzegovina e que passo a 1er, subordinado ao título:

VOLUNTÁRIOS

Acordei com insónia Curioso de saber primeiro
Afinal quem fora a p'ra Bósnia
Se a vontade individual
Ou a de um povo inteiro,
A vontade de Portugal.

Oh! Insónia extemporânea e estúpida
Oh! Sentimento de expressão telúrica
As vontades expressas dos governos,
Presidente e Assembleia da República
São nos seus mais preciosos termos,
Não uma voz individual
São a voz de Portugal!

Julgavas bem ao dormir!
Mas p'ra Bósnia sim ou não?!
Há que decidir!
Não era afinal a questão
Importava p'ra alguns garantir
Algo que já não é novo:
Não ser Portugal a partir
Mas sim o filho voluntário do povo.

Vem ou não na constituição
Questionam seus doutrinários.
Políticos discutem e decidem
P'ra Bósnia um Batalhão.
O Exército escolhe o melhor que tem
De entre inúmeros voluntários
Melhor se disser duas vezes ao que vem.

Marcham!
Mal se começavam a alojar
Confirmavam-se os receios
Como qualquer missão militar
Não se tratava de passeios.
O aparecimento de prematuras mortes
Foi entre todos, tirado às sortes!
Como se Deus quisesse alertar
Que a Paz, como a Guerra, não perdoa brincar.

Na retaguarda querelas
Discussões quentes
Parecem vontades paralelas
Quando se impõem convergentes.
Paralelas?
Convergentes?
Na frente Coesão!
Na mente A missão.

QUEDA NA BÓSNIA

Caia-se onde se cair
Caia-se como se cair
A queda é de tão Alto
Que se tem tempo de sorrir

Caia-se onde se cair
Caia-se como se cair,
Os valores por que se cai
São almofada de dormir!

Caindo em sono eterno
Ao serviço da Paz e do Amor
Mesmo que no último
E outros momentos fraternos
O sorriso dê lugar a enorme dor...

Caia-se onde se cair
Caia-se como cair
Dos valores por que se cai
Ergue-se um Portugal Maior!

Viva a Liga dos Combatentes
Vivam as Forças Armadas de Portugal
Viva Portugal

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

DIA DE FINADOS – MENSAGEM AOS COMBATENTES E FAMÍLIAS

TENENTE-GENERAL JOAQUIM CHITO RODRIGUES

02 de novembro de 2023

Caros Combatentes e Famílias

Dia 2 de Novembro é dia de Finados. Como em todos os anos é dia de reflexão, de recordação dos bons e maus momentos vividos com entes queridos, camaradas e combatentes que já nos deixaram.

É dia de profunda saudade, aceitação e compreensão do fenómeno mais inexorável da vida: - a morte. Por isso, este é o dia mais triste do ano. O dia em que todos, qualquer que seja o lugar onde estivermos, em casa, na igreja, no cemitério, recordaremos intimamente os mais queridos e chegados que nos deixaram.

E se o podemos fazer ao longo do ano, hoje fazemo-lo em conjunto, convergindo numa força espiritual única, não só como cidadãos, mas como combatentes que, com as nossas famílias, embora afastados fisicamente, estaremos unidos no mesmo sentimento de prestação de uma homenagem aos que conosco, viveram, trabalharam ou combateram.

É essa força espiritual única que nos impele na Liga dos Combatentes a aprofundar, em permanência, o nosso lema “Honrar os Mortos e Lutar pela Dignidade dos Vivos”. Neste dia, honramos os mortos, mas jamais poderemos esquecer a dignidade dos vivos.

Dignidade que passa por garantir melhores apoios sociais e apoios à saúde por parte do Estado, a todos, e com especial atenção aos mais carenciados, doentes físicos e mentais, sem teto ou sem abrigo, ou com pensões de pobreza.

Enfim, como sentimos naturalmente, em dia de finados, hoje estamos todos de luto. E a expressão pública desse sentimento do povo, universo donde os combatentes emanam, é o uso de um fumo preto no braço esquerdo ou laço preto na lapela do casaco.

No dia 2 de novembro, a Liga dos Combatentes incentiva todos os seus membros, dos dirigentes aos seus associados, seja qual for a sua condição, seja qual for o lugar onde se encontrem, no país ou no estrangeiro, a usarem um laço preto na lapela esquerda do casaco.

Os que nos deixaram, sem o reconhecimento material que lhes garantisse, em vida, a dignidade que mereciam, estejam onde estiverem, agradecerão de nós, essa manifestação exterior pública de respeito, compaixão, misericórdia e generosidade.

Neste dia de Luto e de união espiritual profunda de combatentes e famílias, com os nossos antepassados, somos sentimentalmente incentivados a que, de futuro, mantenhamos o laço preto na lapela esquerda do casaco, em todas as atividades, nomeadamente cerimónias oficiais nacionais e locais, convívios e outros atos públicos, até que seja feita a revisão legislativa dos direitos de apoios sociais e à saúde, dos combatentes e famílias, passando o Estatuto do Combatente a ser um documento verdadeiramente histórico e reconciliante do Estado com os cidadãos combatentes.

A Liga dos Combatentes está hoje de luto e manter-se-á de luto, em Honra dos Mortos e luta pela Dignidade dos Vivos, na prossecução desse objetivo.

A Força e a Razão que nos une e que uniu os que nos precederam, de há um século a esta parte, merece este testemunho, simultaneamente de gratidão e de esperança. Esperamos continuar a interpretar o vosso sentimento de insatisfação profundo. Contamos, como sempre, convosco.

Laço preto na lapela esquerda do casaco é o testemunho público da nossa e vossa mensagem de tristeza.

Aprovado em Reunião da Direção Central de 13 de outubro de 2022 e do Conselho Supremo em 24 de outubro de 2022

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

CERIMÓNIA COMEMORATIVA DO ENCERRAMENTO DA EVOCAÇÃO DO CENTENÁRIO DA LIGA DOS COMBATENTES, 105.º ANIVERSÁRIO DO ARMISTÍCIO DA GRANDE GUERRA E 49.º ANIVERSÁRIO DO FIM DA GUERRA DO ULTRAMAR

TENENTE-GENERAL JOAQUIM CHITO RODRIGUES

11 de novembro de 2023

Exma. Senhora Ministra da Defesa Nacional, Prof.ª Dr.ª Helena Carreiras, os nossos agradecimentos sinceros por se designar presidir, em Homenagem aos Antigos Combatentes, a esta tradicional, mas muito significativa cerimónia, não só para a Liga dos Combatentes, mas para os Combatentes em geral.

Antigos Combatentes, Homens e Mulheres a quem a Assembleia da República reconheceu serem “Titulares do Reconhecimento da Nação”.

A presença de V. Ex.ª é mais um testemunho e um reforço desse reconhecimento.

Exmo. Senhor General CEMGFA, General Nunes da Fonseca permita que agradeça, a sua presença, mais uma vez, em cerimónias da Liga dos Combatentes, testemunho de todo o apoio das Forças Armadas, e em particular o apoio para a realização desta cerimónia militar; Exmo. Senhor Secretário de Estado da Defesa Nacional, Dr. Carlos Alberto Pires, felicito V. Ex.ª e agradeço a sua, para nós, significativa e importante presença; Exmo. Senhor Deputado à Assembleia da República, Dr. Diogo Leão, em representação do Presidente da Comissão de Defesa Nacional da AR; Senhores Generais e Almirante em representação dos Chefes de Estado-Maior da Força Aérea, do Exército, e da Armada; Exmo. Senhor Presidente da Junta de Freguesia de Belém, Dr. Fernando Rosa; Exmo. Senhor Almirante Silva Ribeiro, Almirantes, Generais e Diretores gerais do MDN; Exmos. Senhores Embaixadores da Roménia, República Checa e Timor Leste e Adidos de Defesa do Brasil, China, EUA, França, Guiné Bissau e Timor Leste; Exmo. Senhor Presidente da FMAC Dr. El Mostafa El Ktiri Exmos. Senhoras e Senhores participantes no Congresso Internacional da Liga dos Combatentes, de Angola, Brasil, Guiné-Bissau, Moçambique, Timor-Leste; Exmos. Senhores Membros do Conselho Supremo, Conselho Fiscal, Direção Central e dos diferentes órgãos da Liga dos Combatentes; Exmos. Senhores Presidentes das Associações Nacionais, e de Países Amigos presentes.

Caros Combatentes e Exmas. Famílias, Ilustres convidados, minhas Senhoras e Meus Senhores

Neste lugar de memória, respeito e oração, onde ressoam os gritos de mortes gloriosas de 10.000 soldados de Portugal, conhecidos e desconhecidos, caídos com honra numa guerra inglória, vimos hoje, mais uma vez, evocar a Paz e apelar à dignidade e ao apoio moral e material dos que sobreviveram. Evocar a Paz significa, para nós, entre outras ações e posições, prosseguir a luta sadia pelo bem-estar, liberdade e justiça, dos Combatentes e suas famílias, objetivos de qualquer ser humano ou sociedade livre. O que nos traz hoje aqui? O 105.º Aniversário do Armistício da Grande Guerra, 100.º Aniversário da criação da Liga dos Combatentes, Instituição Humanitária e Patriótica e o 49.º Aniversário do Fim da Guerra do Ultramar e do 25 de Abril.

Não é, mais uma cerimónia. Nem mais um evocar o passado. É sim, mais uma cerimónia única, que em cada ano, nos sentimos moralmente obrigados a renovar. Momentos finais, de outros momentos difíceis da vida, verdadeiras cicatrizes na nossa memória e que nos exigem e nos conduzem à permanente evocação da Paz e à oposição e desprezo da guerra. Como em épocas semelhantes, de riscos, de perigos, ameaças, agressões e consequentes tristezas, evocamos e

gritamos hoje pela Paz, em tempo de guerras destruidoras e desumanas, no mundo. Por isso, é momento de evocar a História. A História do Homem. A História dos povos. A História da Justiça e do Bem-estar, contrapondo-a à História do Sofrimento e da Destruição e nela rever lições aprendidas. Quem abandonar a leitura positiva da História, dificilmente construirá um futuro melhor.

A Paz, com várias óticas e dimensões, é uma das variantes agradáveis da vida dos povos e do Homem, a que se opõe dramática e ciclicamente, a guerra. Várias teorias de pensamento, comportamento e filosóficas, sustentaram a vivência da Paz ao longo da História, mas nenhuma delas impediu convulsões e revoluções e pelo contrário, algumas foram mesmo motivadoras da guerra. Volta-se hoje à insegurança global, ao questionar os tratados, as leis internacionais e os valores positivos tradicionais da História. A luta pela hegemonia mundial de uns, decorre em paralelo, com a luta pela sobrevivência de outros, e com a observação intranquila de muitos. Complexa heterogeneidade para a obtenção de uma resultante homogênea e pacífica.

No dia de hoje, 11 de novembro de 2023, efeméride em que acontecimentos históricos relevantes, promotores da Paz e merecedores de referência e comemoração, se entrecruzam, sendo eles os construtores da própria História da Paz, reunimo-nos, para mais numa vez os celebrar, contribuindo para a manutenção e promoção da Memória Viva, repositório dos Valores Morais, e Direitos Humanos, sustentáculos do nosso acreditar, num mundo melhor e um Portugal capaz de lutar pela sua soberania e independência, que importa preservar e defender, hoje e no futuro, num mundo de cada vez maiores interdependências.

Neste nosso mundo, três sentimentos nos proporcionam, hoje, esses mesmos acontecimentos históricos: Sentimento de Nascimento, Sentimento de Paz e Sentimento de Liberdade.

Sentimento de Nascimento, ao evocarmos o 100.º Aniversário da criação da Liga dos Combatentes. Sentimento de Paz, ao evocarmos o 105.º Aniversário do Armistício da Grande Guerra. Sentimento de Liberdade, ao evocarmos o 49.º aniversário do fim da guerra do ultramar, que deu origem à independência de Angola, faz hoje precisamente 48 anos, e que nos conduziu ao sentimento de Liberdade que nos proporcionou o 25 de Abril, bem como a independência dos povos de língua portuguesa que se vieram a juntar ao Brasil e hoje aqui, neste espaço de tranquilidade, estão todos representados.

Por isso, neste dia em que celebramos o Centenário da criação da Liga dos Combatentes, em Assembleia-geral constitutiva, de 16 de outubro de 1923, temos connosco, no âmbito do Congresso Internacional “Promoção da História e do Apoio Social e à Saúde de Combatentes e Famílias”, temos connosco, dizia, delegações de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique, e Timor Leste, de 10 a 16 de novembro, realizando um Congresso Internacional dos países de língua oficial portuguesa, trocando conhecimentos históricos e científicos, aprofundando as excelentes relações já existentes, entre antigos combatentes dos nossos países. Um congresso de Promoção da História, da Paz e da Harmonia entre povos cuja língua comum facilita o entendimento. Temos igualmente connosco, no âmbito do Congresso, o Presidente da Federação Mundial dos Antigos Combatentes e o representante europeu da referida Federação, que aproveito para saudar e agradecer a sua presença entre nós.

Encerraremos as comemorações do nosso Centenário com um concerto pela Orquestra Sinfónica da Guarda Nacional Republicana e participação de diversos artistas consagrados, no dia 19 de novembro, pelas 16h00 horas, em Sintra, no Centro Cultural Olga Cadaval, para o qual esperamos a vossa solidária adesão.

Hoje ainda, e no final desta Cerimónia militar, em que participam as nossas Forças Armadas, Marinha, Exército e Força Aérea, sob coordenação do Estado-Maior General das Forças Armadas e a quem agradeço, mais uma vez, todo o apoio, prestaremos homenagem a todos os Combatentes caídos ao serviço das Forças Armadas e Forças de Segurança de Portugal, inauguraremos no Museu do Combatente uma Exposição Fotográfica subordinada ao Tema «100 Olhares – Visão fotográfica de Moçambique» de Luís Cangueiro, Combatente em Moçambique, seguida pelas 14H30 de um Workshop no âmbito do Centro de Estudos de Apoio Médico Psicológico e Social e pelas 16H30, lançamento do Livro “ 100 Olhares” do já referido autor Luís Cangueiro.

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Referimos há pouco os três sentimentos de Paz, Nascimento e Liberdade que a celebração da efeméride do 11 de novembro, nos proporciona. Não podemos, porém, neste 11 de novembro de 2023, esquecermos outro Sentimento que conosco convive no presente. O sentimento de insegurança, incerteza e de Guerra, na Europa e no Mundo, e suas consequências na nossa vivência do dia-a-dia. O desrespeito das regras e Leis internacionais, fazendo eclodir a guerra entre estados na Europa ou entre movimentos emancipalistas e estados em África e na Ásia, trazem ao séc. XXI o espectro da repetição do dramático, desumano, destruidor e mortífero séc. XX , em que duas inéditas guerras mundiais arrastaram consigo inúmeras guerras civis, cujas consequências o séc. XXI herdou e parece não querer resolver, mas aprofundar, de uma forma política e estratégica de consequências imprevisíveis, face aos mortíferos e potentes meios disponíveis, dispersos nos mais diversos países, conceitos de vida e de credos.

Resta-nos ter uma atitude prospetiva, realista, defensora, em tempo oportuno, não apenas de riscos ou desafios, mas de ameaças reais e concretas que já hoje é possível reconhecer, e são possíveis, verosímeis, e com algum grau de probabilidade para o futuro próximo e longínquo e com as quais temos que conviver, porque a Paz não se afigura vitoriosa a curto prazo. Se não o fizermos, comprometeremos o futuro dos nossos netos e dos netos dos nossos netos. De uma forma realista podemos afirmar que, hoje, qualquer país europeu que tenha assumido o apoio à Ucrânia está sob a ameaça Ar/Terra ou Mar/Terra e é considerado um país hostil da Rússia. Se manifestou apoio a Israel despertou a ameaça de terrorismo, do Hamas e seus apoiantes. Ambos implicam a necessidade de meios de informações, operacionais e logísticos próprios e de aliados. Face à nossa posição estratégica, hoje prejudicada pelas possibilidades dos meios disponíveis adversos, é de imediato elegível a ameaça aérea exigindo meios de Defesa Aérea e Antiaérea, situação que 15 países da Europa anunciaram estar a equacionar, nomeadamente a vizinha Espanha para quem foi enunciado um apoio dos EUA de 2,8 mil milhões de dólares para os sistemas Patriot.

Independentemente de outras considerações quanto à situação das nossas FA, que são conhecidas e que se anuncia estarem a ser equacionadas, como antigo combatente que sou, com cinco anos de guerra em África e 4 anos de Direção dos SIED e SIM, onde tive que definir em estudos de situação estratégica, as ameaças a Portugal, no tempo da Perestroica, da Guerra do Iraque, da Queda do Muro de Berlim, do Processo de Paz de Angola e de Moçambique e das respetivas Guerras Civis, sentimos ainda, com algum sentido de responsabilidade, experiência, vivência e sentido do dever, expressar publicamente o testemunho do sentimento, de que todos se vão apercebendo e pressentindo, de que é necessário melhorar as nossas Forças Armadas em efetivos e os nossos sistemas de defesa militar, nomeadamente, entre outros, o de defesa aérea.

Termino com uma breve referência à situação dos Antigos Combatentes. Continuam aguardando a revisão do Estatuto do Antigo Combatente no que se refere aos apoios sociais e à saúde, aguardando a Liga dos Combatentes, resposta legislativa às sucessivas propostas feitas nesse sentido. As próximas comemorações dos 50 anos do 25 de Abril, não terão o brilho desejado se forem esquecidos, no apoio social e no apoio à saúde, os que tanto sofreram até que ele acontecesse e o apoiaram e nele participaram.

Honra-nos, de facto, a muitos de nós, termos pertencido a uma geração que conviveu com a segunda guerra mundial, viveu numa ditadura, fez a guerra do ultramar, fez o 25 de abril, viveu o PREC, fez o 25 de novembro, e observa intranquila a democracia. Recordemos por isso, e homenageemos as gerações do passado. Apoiemos e homenageemos a geração do Presente. Defendamos a Paz externa, interna e individual. Preparemos o Futuro de Portugal. Antes de terminar permitam que dê voz ao poema e cite um poema intitulado “Mortalhas”:

MORTALHAS

Pedra, flecha ou espada,
Lança, pistola ou granada,
Obus, morteiro ou espingarda,
Míssil, canhão ou adaga.
Pedacos da História que reza
Serem todas as armas de guerra
Não vindas da estratosfera
Mas trazidas p’lo homem à terra.

Nem Goias, nem Picassos,
Nem fuzis, nem guernicas, nem traços
De camisas brancas de povo sem braços,
Nem beijos, nem amor, nem abraços.

Nem artistas, nem cantores, nem pintores
Dos ventos da História, destroem metralha.
Nem casamentos, nem negócios, nem favores
Impedem reis, políticos ou escumalha
De fardarem exércitos de tambores.

São sempre elas as armas
Nas mãos trémulas de quem as segura,
Exércitos de terra, ar ou armadas,
Pedras, flechas ou espadas,
Atómicas, convencionais ou adagas
A origem de escusadas mortalhas
E os homens os eternos canalhas.

*Vivam as e os Combatentes por Portugal.
Viva Portugal.*

MENSAGEM DE NATAL

TENENTE-GENERAL JOAQUIM CHITO RODRIGUES

14 de dezembro de 2023

É Natal. É Nascimento.

Tal como cada um de nós festeja o dia do seu nascimento, houve Alguém que nasceu há 2023 anos e portou-se de tal forma, o seu comportamento foi tão marcante, que milhões de pessoas no Mundo vêm festejando o seu nascimento, ao longo dos anos. Uns, como nós Cristãos, acreditam que ele chegou mesmo. Outros, acreditam que ele um dia virá e outros ainda, acreditam que ele um dia voltará. Incrivelmente todos partem de alguém chamado Jesus Cristo.

Ao contrário do que por vezes dizemos, “o Natal não é quando o Homem quiser”.

O Natal evocado tradicionalmente, neste mês de dezembro, depende de cada um de nós, mas igualmente das nossas circunstâncias. Quantos Natais passámos, uns mais ingenuamente, outros bem Felizes, e outros ainda em situação de desconforto e de perigo. Recordo-me dos meus Natais de criança em que acreditava no Pai Natal. Dos anos em que punha o sapatinho na chaminé na véspera do Dia de Natal, para na manhã seguinte ser surpreendido com o que o Pai Natal trouxera pela chaminé e colocara no sapatinho. Até que um ano, olhando na véspera de Natal num móvel da sala, um gatinho de chocolate, ficaria interrogativo quando, na manhã seguinte, vi o referido gatinho sobre o sapato que eu colocara por baixo da chaminé! Foi o fim de uma convicção construída por uma tradição sustentada pela maioria dos nossos pais. Seguiram-se os Natais tradicionais de família, com pais, mulher e filhos com alegria, embora, de acordo com as circunstâncias pacíficas da época.

Até que num período da vida sentimos que nos roubaram os Natais. E foram 14 Natais em ambiente de Guerra! Sem família, sem pais, sem mulher e sem filhos, embora com a família militar criada pelas circunstâncias da guerra, vivendo Natais semelhantes, bem tropicais e bem quentes. E ainda hoje, como agora, lembramos aquela célebre frase “Bom Natal, Adeus até ao meu regresso”. Ainda hoje, nos reunimos em convívios, nomeadamente nestas épocas festivas de família, com surpresa para quem nunca passou por tais circunstâncias.

Por isso imagino o Natal que as famílias ucranianas, russas, israelitas, palestinianas não podem viver, nem festejar, pois as circunstâncias, igualmente lhes roubaram os Natais. O nosso Natal deste ano felizmente passa em tempo de Paz relativa, mas com incertezas e insegurança.

Relembro um conceito e pensamento de Pierre de Coubertin, o fundador dos Jogos Olímpicos modernos:

“O importante da vida não é a vitória, é a Luta”;

“Não é ter vencido! É ter participado e lutado bem!

Nós na Liga dos Combatentes, lutamos bem no apoio a garantir aos Combatentes e famílias, e onde, não podendo esquecer os vivos, não podemos esquecer os caídos.

Por isso, também lembramos neste Natal os Combatentes que restam em “Glória honrada reconhecidos por Deus” e os que nestas circunstâncias, repousam por todo esse Mundo, onde caíram por Portugal.

Lembramos igualmente os militares das Forças Nacionais Destacadas, das FA e FS a quem foi retirado o Natal em família e se encontram em vários Teatros de Operações ao Serviço de Portugal e da Paz no Mundo.

Enfim, o Natal não é sempre que o Homem quiser!

O Natal depende não só do Homem e da Mulher, mas das suas circunstâncias. Passado o Natal encerramos mais um ano nas nossas vidas e da nossa Instituição.

O ano em curso foi um ano de evocação do Centenário da sua criação. Dignificámos, Recordámos e Honrámos os nossos antepassados e a sua obra. Continuemos honrando os mortos e lutando pela dignidade dos vivos.

Bom Natal de 2023 e Feliz ano de 2024, com a saúde suficiente e necessária, para todos os Dirigentes, membros, técnicos, funcionários e colaboradores da Liga dos Combatentes.

Termino com um sentimento que me parece interpretar o sentimento de todos:

Os que fizeram a guerra
Sem tréguas nem Natais
Querem a Paz na Terra
E a Guerra nunca mais!...

O Presidente da Liga dos Combatentes,
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-General